

Mulheres Clientes de Striptease Masculino: Um Estudo Exploratório Sobre os Significados desta Experiência

Carolina Marques¹, & Alexandra Oliveira²

1. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

2. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

O striptease tem sido, nas últimas décadas, alvo de diversas investigações, contudo, de acordo com a revisão de literatura realizada, a quase totalidade destes trabalhos foca-se no striptease feminino, sendo o striptease masculino dirigido a mulheres e, ainda mais, estas, enquanto clientes, quase ignoradas. Assim, a presente investigação consiste num estudo exploratório acerca das motivações das mulheres clientes de striptease masculino e dos significados associados a essa experiência.

No sentido de cumprir estes objetivos, utilizámos uma metodologia de investigação qualitativa, recorrendo a entrevistas semiestruturadas e à observação no terreno. Foram realizadas 20 entrevistas formais a mulheres clientes e efetuadas 31 horas de observação participante em contextos de striptease masculino.

Concluímos que as clientes de striptease masculino parecem não reconhecer, nem valorizar a componente sexual aliada a esta atividade e avaliam esta experiência como uma oportunidade de socializar com as amigas e de observar um espetáculo que percecionam como divertido, sendo a componente homossocial associada a esta experiência bastante valorizada. Constatámos também que nos contextos de striptease masculino se assiste a alguma transgressão dos papéis de género. De uma forma geral, concluímos que as participantes demonstram uma tendência para distanciar o striptease masculino da sua componente sexual, o que poderá indicar uma interiorização dos papéis de género tradicionais.

Este estudo parece-nos ser um contributo importante para colmatar a falta de investigação sobre este tema e desconstruir alguns dos estereótipos e preconceitos ligados com o striptease masculino direcionado para mulheres, podendo abrir espaço para novas investigações nesta área.

Palavras-chave: Trabalho sexual; striptease masculino; clientes mulheres de striptease masculino; papéis de género.

Abstract

Striptease has been, in the last decades, the target of several investigations which makes it and its actors one of the most studied of the sex industry.

However, according to the literature review carried out, most of these studies focus on female striptease; male striptease for women and the female costumers themselves being nearly ignored. Therefore this investigation consists in an exploratory study about what motivates the female patrons of male striptease and the meanings of such experience.

In order to accomplish these objectives, a qualitative methodology was chosen, which resorted to semi-structured interviews and field observation. Interviews were conducted with 27 female clients and 31 hours of participant observation in the context of male striptease were accomplished.

We concluded that the participants seem to not recognize nor value the sexual component related to the activity and perceive the experience as an opportunity to socialize with their female friends and enjoy a show they find entertaining, which elevates the homosocial component associated with this experience. It was also noted that in these contexts there seems to happen a transgression of gender roles seen as women play a more active role. Overall the participants demonstrated a tendency to distance the experience of the male striptease show from its sexual component which may indicate an internalization of the main gender roles.

This study appears to be an important contribution to the research of this subject and a support to eradicate some of the stereotypes associated with the female audience of male striptease.

Key-words: Sex work; male striptease; female clients of male striptease; gender roles.

Introdução

O conceito de trabalho sexual surgiu pela primeira vez nos anos 70 do século XX (Chapkis, 1977 *cit in* Oliveira, 2001) e compreende todas as atividades relacionadas com sexo e com o objetivo de ganhar dinheiro (Oliveira, 2001). De acordo com Oliveira (2008) o trabalho sexual é multiforme, uma vez que compreende uma multiplicidade de contextos e atores.

De entre as diferentes formas de trabalho sexual, destacamos o striptease, que tem sido, nas últimas décadas, alvo de diversas investigações que fazem desta atividade e dos seus atores dos mais estudados da indústria do sexo. Contudo, de acordo com a revisão de literatura que efetuámos, a quase totalidade destes trabalhos foca-se no striptease feminino, sendo o striptease masculino dirigido a mulheres e, principalmente, estas, enquanto clientes, quase ignoradas. Assim, perante esta lacuna encontrada no que se refere ao estudo das mulheres clientes de striptease masculino decidimos focar-nos neste grupo enquanto objeto de estudo.

O estudo deste tema surge como pertinente, não só para colmatar esta lacuna, mas também pelo facto de nos inserirmos numa sociedade na qual os papéis de género se têm vindo a alterar progressivamente e a mulher vai assumindo um papel cada vez mais ativo, principalmente no que se refere à sua sexualidade. Desta forma, consideramos que a presente investigação poderá representar o ponto de partida para analisar e conhecer os comportamentos das mulheres e os seus significados em contextos sexualizados e na condição de consumidoras de serviços sexuais.

Revisão da Literatura

Apesar da escassez de literatura existente acerca das clientes de striptease masculino, foi possível encontrar alguns estudos acerca desta temática. Começamos por evidenciar a investigação de Montemurro e colaboradoras (2003), que no seu estudo sobre as clientes de striptease masculino, se referiram à importância dada pelas clientes à presença e à interação com as amigas nestes contextos. Já em 1982, Dressel e Petersen, na sua investigação, se reportaram à natureza homosocial dos clubes de striptease masculino, salientando a segurança que isso proporciona às clientes, bem como a oportunidade de viverem uma experiência de companheirismo. Assim, estes autores afirmam que as mulheres que frequentavam o clube de striptease estudado faziam-no quase sempre em grupos e as experiências intra-grupais que ocorriam no contexto do clube pareciam ser tão satisfatórias como a interação entre as clientes e os strippers, algo que também foi referido por Montemurro e colaboradoras (2003). Numa investigação de 2011, Pilcher chegou à mesma conclusão: 88% da amostra estudada reportou que apreciava a oportunidade para socializar com as amigas ou outras mulheres, achando positivo o facto de ser um espaço onde está ausente a figura do homem heterossexual predatório, concluindo, então, à semelhança dos dois

estudos já mencionados, que, para as mulheres, poderá não ser o sexo em si a maior atração dos clubes de striptease, mas sim o facto de ser um espaço de socialização feminina.

Uma das principais questões estudada na investigação sobre as clientes de striptease masculino, trata-se da transgressão dos papéis de género nestes contextos. Dressel e Petersen (1982) consideram que neste tipo de espaços existe uma transcendência de papéis heterossexuais normativos: é a mulher que geralmente expressa o interesse sexual e é o homem que deve esperar para ser abordado; assim, a mulher torna-se muitas vezes sexualmente assertiva, chegando a haver até abordagens excessivas, tais como agressão física e verbal.

Focando-se também nesta temática, Pilcher (2011) verificou que as clientes percecionavam o clube de striptease como um “oposto completo do mundo exterior”, vendo-se livres para “assediar” e “perseguir” os homens, revertendo assim os papéis heterossexuais normativos, dando-lhes a oportunidade de serem sexualmente expressivas e agressivas. Contudo, a autora salienta que o facto de as mulheres agirem de forma sexualmente agressiva, não implica necessariamente o seu empoderamento, pois este tipo de comportamentos mais agressivos podem ser vistos como ativamente manipulados pelo ambiente criado no clube. Pilcher (2011) defende que o clube procura obter, da parte das mulheres, comportamentos extrovertidos e alegadamente empoderantes, através da pressão exercida, por exemplo, pelo mestre-de-cerimónias ou pelos próprios strippers. Assim, esta autora defende que, ainda que o clube se apresente para que as clientes sintam que estão a transgredir os limites convencionais de género, revertendo os papéis heterossexuais normativos, em última instância, o ambiente do clube apenas transmite às mulheres uma reafirmação dos papéis heteronormativos e não a sua transgressão.

Partindo desta ideia de que o striptease masculino tem o potencial de transcender ou reforçar os papéis de género, num estudo de 2013, Scull optou por investigar esta questão sob a perspetiva dos strippers masculinos. A autora, embora tenha verificado alguns exemplos de transcendência dos papéis de género, concluiu a um nível geral que naquele contexto existia um reforço dos papéis de género.

Também Arent e Carrara (2007) se reportam a esta questão, afirmando que no contexto do striptease masculino que estudaram existe uma inversão dos papéis de género tradicionais. Consideram, porém, que isto é apenas aparente e defendem que, naquele contexto, estão vigentes as regras de género tradicionais, representando a mulher um papel passivo e o homem um papel ativo. No âmbito desta conclusão, os autores citam a obra de 1999 de Hanna, que afirma que a transcendência dos papéis sexuais nestes contextos é, de certa forma, ilusória.

Outro dos aspetos também focados na literatura relativamente ao striptease trata-se do trabalho emocional e da intimidade forjada (*counterfeit intimacy*). Erickson e Tewksbury (2000) num estudo sobre striptease feminino definem a intimidade forjada como a representação de afeto,

atração e/ou desejo das strippers, pelos clientes. Os autores defendem que as strippers utilizam esta estratégia com o objetivo de manipular os clientes no sentido de gastarem mais dinheiro.

Nos estudos acerca dos clubes de striptease masculinos é também discutida a intimidade forjada, sendo possível distinguir duas posições distintas. Num estudo de 2001, Montemurro, baseada em diversos autores, afirma que o conceito da intimidade forjada também se aplica à interação entre os strippers e as clientes, salientando que é essencial para o sucesso dos strippers e do clube que as mulheres que assistem à performance acreditem que o stripper está excitado e que gosta de dançar com elas e seduzi-las. Já Pilcher (2011) vai, de certa forma, contra esta perspectiva de Montemurro (2001), pois afirma que, tendo em conta as interações que observou no clube de striptease, os strippers masculinos parecem não desempenhar “trabalho emocional” com tanta frequência, em comparação com as strippers femininas. A autora defende que os strippers não transmitem às clientes a ilusão de intimidade entre eles, ou seja, os strippers utilizam raramente estratégias de intimidade forjada.

A presente investigação consiste num estudo exploratório acerca das motivações das mulheres clientes de striptease masculino e dos significados associados a essa experiência.

Objeto e Objetivos

Tendo por finalidade obter uma visão fidedigna da realidade e tentar, assim, desconstruir alguns estereótipos e preconceitos ligados com o striptease masculino direcionado para mulheres, guiámos o nosso estudo por três grandes questões de investigação: Compreender as representações que as mulheres clientes de striptease masculino têm sobre a atividade do striptease e os seus atores; perceber quais as motivações associadas à experiência da ida ao striptease masculino; estudar as vivências e significados atribuídos pelas mulheres à experiência de ser cliente de striptease masculino

Metodologia

Método

Tendo em conta o objeto e os objetivos do presente estudo, considerámos, desde a fase inicial, que seria mais adequado optar por uma metodologia qualitativa, no sentido de obter uma visão compreensiva do fenómeno em questão (Silverman, 2000), privilegiando as motivações e significados relacionados com a experiência da ida a um clube de striptease. Assim, os dados foram recolhidos através da realização de entrevistas semiestruturadas e observação no terreno.

A observação no terreno compreendeu a ida a dois espaços distintos onde existiam espetáculos de striptease masculino: um restaurante erótico e um clube de striptease. No primeiro espaço foram realizadas 4 horas de observação participante (correspondentes a uma visita) e no segundo 27 horas (correspondentes a seis visitas), perfazendo assim um total de 31 horas de observação. A observação no terreno teve um carácter participante e foi realizada sem qualquer grelha previamente elaborada, para que não limitássemos os dados que o terreno nos podia fornecer. O nosso estatuto enquanto investigadoras foi covert para a maior parte dos atores presentes nos contextos de observação, pois encontrávamo-nos nesses locais na condição de cliente.

No que se refere às entrevistas, foi realizada uma entrevista exploratória com uma cliente de striptease masculino. Desta forma, foi possível complementar a informação fornecida pela literatura, com os dados recolhidos nesta entrevista exploratória, e assim construir um guião definitivo.

O processo de amostragem envolveu três procedimentos distintos: a abordagem das clientes em contexto de terreno, a angariação de participantes através da nossa rede de contactos pessoal e através do método da “bola-de-neve”.

Incluindo a entrevista exploratória, foram realizadas, ao todo, vinte entrevistas formais.

Nos dois contextos onde foi realizada observação no terreno, foram realizadas (além de seis entrevistas formais) sete entrevistas informais, o que conjugado com as vinte entrevistas formais, perfaz um total de 27 entrevistas. Consideramos entrevistas informais, as conversas que fomos estabelecendo nos contextos de observação com um estatuto covert, ou seja, em situações em que as clientes não tinham conhecimento sobre a investigação e/ou não sabiam que as conversas estabelecidas iriam ser registadas para posterior análise.

Amostra

No que se refere às entrevistas formais, as 14 participantes entrevistadas fora do clube de striptease, tinham idades compreendidas entre os 21 e os 48 anos, com uma média de idades de 29 anos. Cinco são casadas, uma é divorciada e as nove solteiras, sendo que cinco têm um relacionamento afectivo e as restantes três não têm nenhum relacionamento. As 14 participantes afirmaram ser heterossexuais. Quanto ao local de residência, nove das entrevistadas residiam na zona Norte do país, enquanto as cinco remanescentes residiam na zona Sul.

Relativamente às seis participantes entrevistadas formalmente no clube, apenas duas delas eram comprometidas, sendo as restantes solteiras. Todas as participantes entrevistadas no clube residiam na zona Sul do país. Quanto às sete entrevistas informais, duas das participantes tinham 23 anos, eram comprometidas e residiam na zona Norte do país.

Análise dos Dados

Uma vez que o presente estudo assume um carácter exploratório partimos de uma lógica indutiva, não tendo construído hipóteses, mas sim questões de investigação. Neste sentido, optámos por recorrer à análise de conteúdo, dado que esta constitui um bom instrumento para tal (Bardin, 2011).

Dada a extensa quantidade de informação que obtivemos tanto através das entrevistas, como através das observações no terreno, e tendo em conta que estes dados teriam de ser analisados segundo sistemas categoriais distintos devido às suas especificidades, optámos por realizar uma análise de conteúdo categorial apenas para as entrevistas.

O processo de construção de categorias de análise foi um processo misto, uma vez que construímos algumas categorias, com base no conteúdo, antes de iniciar a análise, e outras ao longo da análise. Foram, então, organizados três grandes temas, a saber: 1) A representação sobre o striptease e os seus atores; 2) As expectativas, e as motivações associadas à ida ao striptease; e 3) As vivências associadas a esta experiência; estando, cada um destes, subdivididos em categorias, subcategorias e sub-subcategorias.

Findo o processo de categorização, procedemos à leitura interpretativa dos dados, tendo mais uma vez realizado uma leitura geral para perceber o que poderíamos concluir a partir de cada categoria, tendo em conta o conteúdo nela inserido, e a melhor forma de articular esse conteúdo com a literatura revista.

Análise e Discussão dos Resultados

Significados Atribuídos à Experiência Enquanto Cliente

No que se refere aos significados da experiência enquanto cliente, verificámos que as mulheres entrevistadas lhe atribuíam uma conotação de diversão, sempre relacionada com a partilha da experiência com as amigas. Para a maioria das entrevistadas esta experiência ganha sentido e valor pelo facto de ser partilhada com os pares, sendo que admitem que não faria sentido para elas assistir a um show de striptease sozinhas.

Estes dados coincidem com os resultados dos estudos já mencionados de Dressel e Petersen (1982), Montemurro e colaboradoras (2003) e Pilcher (2011) no que se refere à importância atribuída pelas clientes ao contexto homosocial do clube e à segurança que este transmite e à socialização e partilha da experiência com as amigas. O que parece apontar no sentido de a componente sexual associada ao striptease masculino não representar um elemento importante para as participantes.

Importa salientar que, mesmo quando mencionavam interações mais íntimas com os strippers, algumas das entrevistadas continuavam a não atribuir uma conotação sexual às mesmas, salientando que se tratavam de pura brincadeira. Ora, tal evidencia o aspeto recreativo deste comportamento e reitera a ideia de associação entre a ida ao clube de striptease e o divertimento.

Contudo, devemos salientar que é possível que a sobrevalorização da socialização com as amigas e subvalorização do aspeto sexual por parte das entrevistadas reflita a desejabilidade social e a interiorização dos papéis de género tradicionais, na medida em que, uma valorização exacerbada da componente sexual, violaria as expectativas associadas a esses papéis. Isto é, admitimos a hipótese de as participantes não terem assumido deliberadamente uma posição que contrariasse os papéis de género vigentes na sociedade dominante, segundo os quais a mulher é sexualmente passiva, não se enquadrando com naturalidade neste tipo de contextos sexualizados.

Motivações

Através das entrevistas realizadas foi possível perceber que a razão pela qual a maioria das clientes tinha ido assistir ao striptease masculino estava relacionada com o facto de estarem incluídas num grupo que festejava uma despedida de solteira. Outros motivos mencionados referiam-se a celebrações como o dia da mulher e aniversários ou, então, saídas em grupo, com amigas, sem um propósito de celebração explícito.

Além disso, todos os motivos enunciados pelas entrevistadas para a ida ao clube remetiam para socialização com as amigas, algo que reitera as conclusões já referidas quanto aos significados atribuídos à experiência da ida ao striptease masculino.

Quando tentámos perceber junto das mulheres da nossa amostra as motivações que estavam subjacentes à associação entre essas celebrações e a ida ao clube de striptease, grande parte delas salientou o facto de a ida a um show de striptease masculino ser uma experiência diferente das habituais, valorizando o elemento novidade. Assim, os resultados obtidos indiciam que esta atividade surge como uma fuga à rotina e como uma oportunidade de experienciar algo que não é comum.

A partir do discurso das entrevistadas foi também possível perceber que uma das grandes motivações associadas à ida ao clube parece dizer respeito à vontade de partilharem com as amigas uma noite diferente do habitual e que é pautada pelo divertimento.

À semelhança do que verificámos no âmbito dos significados atribuídos, consideramos ser possível que as participantes tenham assumido um discurso que revela uma interiorização dos papéis de género, indo portanto ao encontro daquilo que se espera que seja um comportamento feminino, nomeadamente no que se refere à sexualidade, o que poderá contribuir para que as motivações relacionadas com o aspeto sexual associado ao striptease masculino estejam ausentes do seu discurso.

Interação com os Strippers

Experiência no palco: Nos contextos de clube de striptease masculino é comum que, durante os espetáculos, os strippers interajam com algumas clientes de forma mais íntima, direcionando a performance para elas. No clube de striptease em que efetuámos as nossas observações, tal confirmou-se e, durante as performances, os strippers escolhiam entre a audiência uma cliente para os acompanhar ao palco, adquirindo esta uma centralidade na sua atuação. As participantes que entrevistámos e que já passaram por este tipo de experiências referem-se às mesmas como tendo sido positivas e afirmando que se sentiram à vontade na situação.

Apesar desta perceção positiva ter sido constatada através dos dados das entrevistas, não podemos deixar de mencionar a existência de participantes para quem a experiência da ida ao palco não é vista como algo positivo.

Trabalho emocional: A um nível geral, os dados obtidos parecem indicar a existência de um trabalho emocional por parte dos strippers nos contextos que observámos e nos contextos frequentados

pelas entrevistadas, o que condiz com as conclusões de Montemurro (2001), e se opõe à conclusão de Pilcher (2011).

No clube de striptease que frequentámos, quer durante as performances, quer nos intervalos entre as mesmas, os strippers pareciam investir neste tipo de estratégias. Mais concretamente, durante as performances, os strippers pareciam querer transmitir a sensação de desejo e de atração pelas clientes através dos seus comportamentos (e.g.: contacto ocular penetrante e intenso) e, nos intervalos das mesmas, deslocavam-se às mesas para conversarem com elas. Pensamos que a estas conversas poderá estar subjacente uma intenção por parte do stripper de cativar as clientes, possivelmente para promover o seu regresso àquele espaço em mais ocasiões. Assim, parece não estar presente uma genuína atração e um verdadeiro interesse por parte dos strippers em conhecer as clientes, mas antes uma estratégia de trabalho, tratando-se por isso, na nossa ótica, de trabalho emocional e intimidade forjada.

Envolvimento Afetivo-sexual

Quando questionada acerca da possibilidade de vir a manter um relacionamento sério com um stripper, a esmagadora maioria das entrevistadas referiu que não estaria disposta a tal. A principal justificação apresentada foi a incapacidade para lidar com o ciúme, uma vez que esta atividade envolve interações com um alto teor de intimidade com diversas mulheres. As participantes parecem relativamente mais recetivas quanto à hipótese de envolvimento casual com um stripper.

Estes dados parecem apontar para que exista, relativamente aos strippers masculinos, a mesma apreciação que se verifica em relação às mulheres trabalhadoras do sexo. Mais concretamente, consideramos que estes dados evidenciam uma categorização, por parte das participantes, dos strippers como homens que não são adequados para manter uma relação amorosa estável, estando subjacente uma divisão dos homens em dois tipos: os que são para namorar ou casar e os que são para “curtir”, tal como acontece com as mulheres trabalhadoras do sexo, sejam strippers ou prostitutas. Assim, pensamos ser possível concluir que também as mulheres fazem em relação aos trabalhadores do sexo o mesmo julgamento que os homens, e a sociedade em geral, fazem em relação às mulheres trabalhadoras do sexo.

No que se refere ao envolvimento sexual com os strippers, a generalidade das mulheres entrevistadas rejeitaram totalmente a hipótese de oferecer dinheiro aos strippers em troca de relações sexuais. Estes dados parecem fazer sentido, tendo em conta que, ao longo das entrevistas, foi possível perceber que a generalidade das participantes estigmatiza a atividade da prostituição. Mais concretamente, hipotetizamos que ao percecionarem este tipo de comportamento e atividade como desviantes, as entrevistadas rejeitam de imediato a possibilidade de elas mesmas

recorrerem a serviços de prostituição. Mais ainda, consideramos que esta rejeição possa estar relacionada com o facto de as entrevistadas parecerem também atribuir um significado negativo a qualquer “compra” sexual por parte da mulher.

Transgressão dos Papéis de Género

Durante a nossa investigação emergiu a evidência de que as mulheres clientes valorizam as características predominantemente homosociais do contexto no qual assistem ao striptease masculino. Ora, estes dados parecem ligar-se com aspetos relacionados com os papéis de género, tal como passaremos a explicar.

As diferenças de papéis de género na sexualidade que se se reflectem na sociedade em geral podem ser aplicadas ao contexto particular da diversão noturna. Se estas diferenças, em contextos noturnos heterossexuais tradicionais, isto é, que não sejam clubes de striptease masculino – por exemplo, discotecas –, se traduzem em comportamentos masculinos predatórios dirigidos às mulheres, no caso dos clubes de striptease masculino, tal não acontece ou é mitigado ou, então, subvertido.

A presença de homens que assumem um papel ativo, ou até agressivo, ao abordarem as mulheres em contextos de recreação noturna heterossexual, com objetivos de conquista amorosa ou sexual, pode causar desconforto na mulher, representando um aspeto negativo associado à experiência noturna recreativa. Perante tal, admitimos a hipótese de que a rara ou nula presença de clientes masculinos em alguns dos contextos de striptease masculino possa representar, para as participantes, uma das atrações deste tipo de contextos.

Esta interpretação está de acordo com a ideia de Pilcher (2011) que afirma que as clientes do clube de striptease masculino que estudou consideram positiva a ausência da figura do homem heterossexual predatório nestes contextos, sentindo-se livres para se comportarem à vontade, sem serem assediadas. No entanto, no clube de striptease que frequentámos, encontrámos, por diversas vezes, quer casais, quer grupos mistos, apesar das mulheres representarem a esmagadora maioria da clientela. Ou seja, tal como no clube que Pilcher (2011) frequentou para realizar o seu estudo, no nosso caso a figura masculina não estava totalmente ausente.

Porém, pelo que observámos no terreno, o clube de striptease representa, de facto, um espaço onde as mulheres assumem comportamentos que são, normalmente, exibidos por homens e atribuídos ao seu género, como, por exemplo, mandar piropos. Além disso, muitas vezes, é a própria mulher a iniciar a interação com o homem (stripper), de forma voluntária, o que pode ser entendido como uma evidência do seu controlo sobre a interação. Pilcher (2011) reporta-se a esta situação

inferindo que o tipo de discurso apresentado pelas clientes, relativo à ausência dos homens no contexto do clube, poderá ter implícita a ideia de que elas sentem menos capacidade de controlar as suas interações e o seu espaço pessoal noutros espaços de lazer.

Em suma, consideramos, pois, ser possível que as mulheres se sintam mais à vontade em espaços próprios para striptease masculino, uma vez que os papéis de género parecem estar, de certa forma, invertidos.

Todas estas questões convergem num ponto essencial que tem sido alvo de debate, como pudemos verificar através da revisão de literatura: a ocorrência da transgressão (e.g. Dressel & Petersen, 1982) ou do reforço dos papéis de género (e.g. Arent & Carrara, 2007; Pilcher, 2011; Scull, 2013) nos contextos de striptease masculino. Quando comparamos estes contextos, com outros contextos noturnos, torna-se difícil não reconhecer as diferenças ao nível do papel da mulher, tal como já foi referido. Neste sentido, admitimos a possibilidade de haver uma transgressão dos papéis de género neste contexto, podendo, apesar disso, tratar-se de uma transgressão momentânea, ou seja, cingida apenas ao contexto do clube de striptease, tal como afirma Scull (2013). No entanto, consideramos importante salientar que o facto de a transgressão dos papéis de género poder ocorrer apenas nestes contextos, não deve contribuir para a desvalorização deste fenómeno. Esta transcendência dos papéis de género no contexto do clube de striptease masculino, pode ser entendida como um ponto de partida para a transgressão generalizada dos papéis de género vigentes na sociedade.

Striptease e Fidelidade

Quando pedimos às mulheres do nosso estudo que analisassem o seu comportamento de ida a um clube de striptease tendo por referência as suas relações amorosas, a generalidade das participantes afirmou que assistir ao striptease masculino não podia ser considerado um ato de infidelidade.

A corroborar esta conceção da maioria das clientes, está a ideia, também partilhada pela maior parte das participantes, de que o facto de uma pessoa estar comprometida numa relação amorosa, não deve inviabilizar a sua ida a um contexto de striptease masculino.

Os significados atribuídos pelas participantes a esta experiência remetem para a diversão e a socialização com as amigas, o que pensamos que poderá influenciar esta perspetiva que rejeita associar a traição à ida ao clube de striptease. Isto é, admitimos a possibilidade de que o facto de as entrevistadas não atribuírem um significado sexual ao striptease masculino, possa contribuir para que não percecionem o mesmo como uma traição e, por isso, que considerem que a existência de uma relação amorosa não inviabiliza a ida ao striptease.

Quanto à ideia de partilhar com um parceiro amoroso a ida ao clube de striptease, uma grande parte das entrevistadas referiu não ter a intenção de assistir a striptease masculino em casal, afirmando que é uma experiência na qual, para elas, não faz sentido a partilha. Consideramos que estes dados poderão contribuir para, mais uma vez, reforçar a ideia de que para as participantes a experiência de assistir a striptease masculino ganha sentido apenas quando partilhada com as amigas, dando um peso quase exclusivo à ideia da homosocialidade.

Considerações Finais

Verificámos a existência de uma tendência geral para as participantes se distanciarem da conotação sexual da experiência do striptease masculino, que foi notória em diversos aspetos. Mais concretamente, as participantes não atribuíram um significado sexual ao striptease masculino, não indicaram o elemento sexual como uma das motivações para a ida ao clube e rejeitaram a perspetiva de serem clientes de sexo pago. Consideramos que todos estes dados contribuíram para que tivéssemos obtido algum insight acerca das conceções das participantes no que diz respeito à sexualidade feminina, uma vez que parecem ter subjacente uma interiorização dos papéis de género dominantes. Segundo estes papéis, a mulher é perspetivada como a “presa”, a figura passiva que espera pela iniciativa do homem e a compra de sexo por parte da mulher é alvo de estigmatização por ser vista como um comportamento não adequado ao seu género. Assim, consideramos ser possível que ao terem esta perceção, as participantes, com o intuito de fugir ao estigma, procurem desassociar a componente sexual e o striptease masculino.

Embora reconheçamos que devido ao carácter qualitativo do presente estudo não seja possível realizar extrapolações e generalizar as conclusões obtidas, consideramos que esta investigação teve algumas implicações práticas.

Em primeiro lugar, defendemos que o que constatámos acerca da conceção das participantes sobre o papel da mulher é um indicador da importância da desconstrução dos papéis de género, ou seja, da necessidade de mudanças sociais, que poderão conduzir a conceções mais igualitárias a nível dos papéis de género.

Além disso, consideramos também que o presente estudo parece ter uma boa base exploratória que permite dar continuidade ao estudo de questões relacionadas com o comportamento e a sexualidade feminina, nomeadamente com a mulher como cliente de comércio sexual.

A nosso ver, as principais limitações da presente investigação assentam na falta de condições em que foram efetuadas algumas entrevistas, bem como na falta de tempo para aprofundar

algumas questões. Perspetivamos também o facto de termos observado apenas dois contextos de striptease masculino como uma limitação, reconhecendo que o acesso a outros contextos teria permitido uma visão mais abrangente deste fenómeno. Esta última limitação está relacionada com obstáculos geográficos e dificuldades a nível da escassa existência e divulgação de espaços dedicados a striptease masculino direcionado a clientes mulheres.

Concluindo, esta investigação contribuiu para elucidar o papel das mulheres enquanto clientes de sexo comercial. Deste modo, espere-se contribuir para que em Portugal se comece a encarar com maior naturalidade a presença feminina em contextos sexuais comercializados.

Contacto para Correspondência

--

Carolina Marques · ccasacamarques@gmail.com

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

--

Alexandra Oliveira · oliveira@fpce.up.pt

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Referências

- Arent, M., & Carara S. (2007). Gênero, sexualidade, corpo e trabalho: Etnografia em um Cube das Mulheres. *PSICO, 38*, 254-261.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Dressel, P. L., & Petersen, D. M. (1982). Gender Roles, Sexuality, and the Male Strip Show: The Structuring of Sexual Opportunity. *Sociological Focus, 15*, 151-162.
- Erickson, D. J., & Tewksbury, R. (2000). The 'Gentlemen' in the Club: A Typology of Strip Club Patrons. *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal, 21*, 271-293.
- Montemurro, B. (2001). Strippers and Screamers: The emergence of social control in a noninstitutionalized setting. *Journal of Contemporary Ethnography, 30*, 275-304.
- Montemurro, B., Bloom, C., & Madell, K. (2003). Ladies night out: a typology of women patrons of a male strip club. *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal, 24*, 333-352.
- Oliveira, A. (2001). *Da prostituição ao trabalho sexual: atrizes, práticas e contexto, Dissertação de Mestrado*. Porto: FPCEUP.
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas: um estudo etnográfico, Tese de Doutoramento*. Porto: FPCEUP.
- Pilcher, K. (2011). A 'sexy space' for women? Heterosexual women's experiences of a male strip show venue. *Leisure Studies, 30*, 217-235.
- Scull, M. (2013). Reinforcing the gender roles at the male strip show: a qualitative analysis of men who dance for women (MDW). *Deviant Behavior, 34*, 557-578.
- Silverman, D. (2000). *Doing Qualitative Research: a Practical Handbook*. Londres: Sage Publications.